



Jornal Urbano¹

José Douglas Cardoso Pereira ²

Emerson Dias ³

7º Semestre de Comunicação ⁴

CESPAR, Maringá-PR

Resumo: O Jornal Urbano (JU) foi criado em 2009 e funcionou como telejornal laboratório dos estudantes do 3º ano do curso de Jornalismo da Faculdade Maringá – CESPAP (PR). A meta principal foi melhorar o texto jornalístico para televisão e desenvolver a capacidade de produção de imagens, de edição e apresentação, mas o resultado superou as expectativas do corpo docente porque foi registrada a atuação dos alunos em áreas técnicas específicas, como operação de áudio, direção de imagem, criação de cenário e logomarca, além de respeito ao tempo de produção e exibição (*deadline* de duas horas), mostrando a importância da técnica na nova geração de jornalistas. Alguns problemas surgiram durante a elaboração do JU, mas a principal conquista não está aparente neste trabalho porque foi estimulada nos bastidores da produção.

Palavras-chave: Telejornalismo, edição, produção

1. O telejornal e a comunicação histórica

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

²Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo do CESPAP, José Douglas Cardoso Pereira, email: comprasdouglas@hotmail.com.

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do CESPAP, Emerson dos Santos Dias, email: emersondias1@hotmail.com.

⁴Estudantes do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo do CESPAP, que são co-autores do Jornal Urbano. Danielle Mendes; Debora Schimitt; Elisabeth Natale; Emmelle Heloísa Ferrari, José Luiz de Souza, Letícia Maria Ribeiro da Silva, Janicelma Silva Lima; Paula Adriana Grava; Tiago Fantin Leiturga Franco; Thaisa Carlos da Silva; Vinicius Machado; Wilians Zanchim.



difundia muito entre meus companheiros a idéia de que a gente devia ser muito contido no uso da palavra para valorizar a imagem.

Ao longo do tempo, eu repensei esse meu juízo, porque cheguei à conclusão, simplificando o meu pensamento, de que *se a imagem mostra, só a palavra esclarece*.

Então, eu passei a rever o meu conceito, achando o seguinte: que ao contrário do que dizia e do que diz a máxima chinesa – ‘uma boa imagem vale mais do que mil palavras’ eu prefiro dizer ‘*uma boa imagem vale mais associada a uma boa palavra*’.” (Armando Nogueira, 1997. In: PATERNOSTRO, 2006)

Nem é preciso dizer que a imagem na televisão representa um percentual incalculável, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, quando se fala em informação gerada para o público, e visivelmente mais importante que o texto do repórter ou do apresentador. É verdade que um telejornal pode ter arte, iconografia, animação computadorizada ou total ausência de imagens (a chamada “nota pelada”), mas qualquer profissional sabe que um jornal feito para TV precisa abastecer o espectador de imagens a todo o momento para evitar que ele se desconecte do veículo de comunicação. O que se quer mostrar aqui, amparado na afirmação do mestre Armando Nogueira é que “a percepção da percepção” da imagem também tem contexto social e reformulações históricas. Uma imagem, parada ou em movimento, teria diferentes definições se colocadas em diferentes épocas e isoladas da palavra, do texto, da explicação.

Os historiadores Peter Burke e Asa Briggs, pesquisadores renomados da chamada História Cultural, resgatam que o processo de difusão da informação jornalística de hoje não é diferente à informação essencial que o homem da Idade Média da qual tinha acesso. Reduzindo a um grosseiro formato visual, teríamos jornais, revistas e telejornais semelhante aos vitrais, mosaicos ou pórticos repletos de pedaços ou trechos de notícias transportados para o conceito de “arte didática”, onde os “tradutores” desta informação – representantes do monarca ou do clero que detinham a raríssima capacidade de ler – atuavam como repórteres ou apresentadores que “esclarecem a imagem” tal como afirmou Nogueira:



“Para a idade média, de acordo com o historiador Emile Mâle (1862-1954), a ‘arte era didática’. As pessoas aprendiam com as imagens ‘tudo o que era necessário saber – a história do mundo desde a criação, os dogmas da religião, os exemplos dos santos, a hierarquia das virtudes, o âmbito das ciências, artes e ofícios: tudo era ensinado pelas janelas das igrejas ou pelas estátuas dos pórticos’. O ritual era um outro destacado meio de comunicação medieval, e se manteve firme em contextos posteriores.” (BRIGGS & BURKE, 2006, p. 19)

Com a origem do cinema, arte e informação se uniram com a técnica, transformando o operário da indústria midiática tão responsável pelo fato quanto os efetivos criadores ou difusores oficiais do mesmo, como diretores, editores das chamadas *actualités*, as atualidades que antecederam as cinerreportagens, que por sua vez foram os ancestrais das videorreportagens. Da idade média para o século XIX (o cinema surgiu em 1895), os tradutores da informação passaram a ser os montadores, assim definido pelo cineasta russo (ou melhor, soviético), Serguei Eisenstein, em 1946:

“A montagem nada mais era do que a marca, mais ou menos perfeita, da marcha real de uma percepção de um acontecimento reconstituído através do prisma de uma consciência e de uma sensibilidade de artista.”
(EISENSTEIN, 1990, p. 11)

A partir daí, técnica e a arte de produzir informação evoluíram juntas durante o século XX, exigindo cada vez mais dos teóricos um conhecimento científico e prático dos equipamentos que o rodeavam. Basta lembrar que os termos “cinema” e “indústria cinematográfica” muitas vezes são usados como sinônimos por Adorno (2002).

2. O tecnicismo da informação e a academia

Assim também se deu com o jornalista, só que a imposição da técnica praticamente avançou nos primeiros dez anos do século XXI o que demoraria toda a segunda metade do século anterior.



Nunca antes na história da Comunicação Social o repórter, editor, produtor e tantas outras funções legais do Jornalismo foram cobrados tanto sobre a bagagem tecnicista quanto agora. Aliadas às ferramentas da Internet, a habilidade com câmeras, computadores, gravadores, ilhas de edição precisa ser criativa (como pressupõe a arte de fazer) e ao mesmo tempo veloz e eficiente (como determinam as operações de produção da indústria cultural).

Os graduandos da Comunicação Social e futuros jornalistas também sentem esta pressão como se estivessem prestes a entrar na arena depois de passar anos aprendendo técnicas de gladiadores. É preciso antecipar conhecimento/treinamento com bastante antecedência em relação ao que observava no mercado de trabalho anos atrás.

Além do condicionamento junto à “ideologia e técnica da notícia”, como conclama Lage (2001), o estudante precisa dominar o equipamento técnico e conhecer várias realidades (reais e virtuais) por onde a notícia pode se difundir. Curiosamente, a pressão não é mais linear “professor-aluno”, mas triangular “mercado de trabalho-academia-aluno”. Esta foi uma das percepções que a equipe do Jornal Urbano aqui apresentado destaca.

2.1 Experiências e inovações

Durante fevereiro e novembro de 2009, a equipe teve que exercitar-se com as tarefas previstas na disciplina de Telejornalismo: simular *stand ups*, gravar passagens, *links* ao vivo, *audiotapes*, boletins, entrevistas com personagens, contato com fontes, etc.

É bem verdade que o professor buscou, paralelo à aprendizagem e operação dos equipamentos, oferecer referenciais humanistas para a formação dos alunos (ética, respeito, amplo conhecimento cultural, social e político, entre outros), mas reforçou (na verdade, alertou) desde o início que seria um trabalho altamente tecnicista, uma tentativa de fazer com que os estudantes se sentissem dentro do veículo de comunicação, trabalhando e mostrando o que sabe.

O primeiro ponto para a chegada dos objetivos, foi sentir de perto a realidade de uma redação. O professor da matéria, o jornalista Emerson Dias, naquele momento trabalhava como editor chefe do jornal da RPC (afiliada Rede Globo no Paraná) do horário do almoço. Foi organizado uma visita a redação do jornal. Os alunos se organizaram e de três em três foram conhecer e acompanhar durante meio período o



funcionamento da redação, das 8 da manhã até uma da tarde, quando se encerrava o jornal “Paraná TV”. Esta visita permitiu que os acadêmicos, sentissem na “pele”, o andamento da produção jornalística, o que serviu para posteriormente orientá-los de como deveria ser conduzida a produção do “Jornal Urbano”.

Além de buscar aprofundar-se em termos e jargões da TV (áudioteipe, BG, bloco, break, chamada, deixa, decupagem, edição, escalada...), também foram determinadas várias metas, na tentativa de conhecer e trabalhar com cada setor da redação separadamente:

- 1- aprender a pautar (criar fontes, investigar, saber usar releases, pesquisar em livros, internet e dados oficiais...);
- 2- aprender “virtualmente” a fazer registros audiovisuais (com a ajuda das técnicas aprendidas com a disciplina de fotografia), onde os alunos souberam compreender como enquadrar, focar, transmitir informação por meio da imagem e ainda capturar um bom BG, a proporção de movimentos (*tilts, pans, zooms*) para *takes* estáticos (*plongée, médio, closes...*), além da diferença entre as imagens de um vídeo-tape (VT) comportamental e de um VT factual;
- 3- aprender a se comportar como repórter de TV na rua (boa aparência, respeito ao entrevistado e também à equipe de auxiliares), a fazer entrevistas (saber ouvir além daquilo que está direcionado na pauta), a coletar dados, dar retorno à redação, respeitar deadlines, preparar um texto na rua para *stand ups, links* passagens, etc., como narrar (entonação e distanciamento);
- 4- aprender a relação entre repórter, pauteiro/produtor e editor: tirar dúvidas, manter o colega informado para que ele avalie junto ao chefe de reportagem se o assunto é local, estadual ou se vale rede, avisar sobre a necessidade de imagens de arquivo, avaliar o texto juntos, sugerir “cabeças” de VT, avisar o pauteiro se o assunto vale continuidade (suíte) ou se precisa de mais dados ou ainda de uma nota pé junto a órgãos ou pessoas envolvidas;
- 5- aprender a decupar/minutar e editar “virtualmente” o material: os termos usados pelos operadores de VT, anotações das melhores imagens ou melhores trechos das sonoras, enquadramentos, relação imagem-texto, como montar um “esqueleto” de reportagem ou ainda como usar efeitos básicos, como avaliar a necessidade ou não de arte, como fazer uma cabeça, como fazer créditos (nomear pessoas e profissionais num VT), etc.;



Todas estas ênfases aliadas ao reconhecimento e operação de câmeras e editores não lineares simples como o Windows Movie Makers, Vegas, Adobe Premiere ou Video Spin, entre outras ferramentas gratuitas da Internet, para finalmente organizar um jornal diário: divisão dos blocos, grau de importância do assunto, montagem de um prelo e/ou espelho do jornal, calcular tempo e evitar estouros, preparar apresentador, etc.

3. A estrutura do Jornal Urbano

O Jornal Urbano tem perfil regional, com divulgações de notas com referências de outras regiões desde que envolvam a comunidade dos estudantes (uma campanha nacional de vacinação, por exemplo). Foi desenvolvido para ter dois blocos com sete minutos mais intervalo de um minuto.

A classe foi dividida em três grupos que tinham a obrigação de revezamento todas as terças-feiras para preparar e exibir o jornal em duas horas (produção dos VTs eram feitas durante a semana). Dentro de cada equipe as funções eram divididas de acordo com uma redação. Operador de VT, de áudio, cinegrafistas e até editor chefe. O orientador também cobrava que os alunos somente utilizassem a própria linguagem jornalista, para tornar o laboratório algo ainda mais próximo da realidade de uma redação. Enquanto uma equipe estava produzindo o jornal, as outras se concentravam no laboratório de redação, onde discutiam as pautas, editavam as matérias, preparavam scripts, para que no dia daquela equipe ir gravar, estivesse tudo preparado, para tentar que evitar o máximo de imprevisto. O nível de envolvimento dos acadêmicos chegava a tanto, que havia até discussões sobre ética em torno das matérias a serem veiculadas. Algumas matérias foram inclusive aproveitadas pela TV comunitária de Maringá, dada a qualidade do que estava sendo produzido pelos acadêmicos.

Resultados: em seis meses (segundo semestre), foram produzidas 12 edições ininterruptas, registrando atraso em apenas duas edições. O principal é que a equipe soube compreender que o amparo técnico auxilia os futuros jornalistas a buscarem trabalho no mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.



BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à**

Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis : Insular, Editora da UFSC, 2001.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro : Editora Zahar, 1990.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV – Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro : Campus, 2006